

+ Faça do VER a sua homepage



Pesquisa VER
Pesquisa Avançada

VALORES ÉTICA RESPONSABILIDADE LIDERANÇA INOVAÇÃO SER+

HOME > ACTUALIDADE > "É melhor viver uma crise de crescimento do que viver o crescimento da crise"

UE-ÁFRICA

"É melhor viver uma crise de crescimento do que viver o crescimento da crise"

Quem o afirma é Fernando Jorge Cardoso, professor e investigador do Instituto Marquês de Valle Flôr e do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais a propósito das realidades actualmente "contrárias" que se vivem na Europa e em África. Em entrevista ao VER, Fernando Jorge Cardoso comenta as principais temáticas que estiveram em debate na Gulbenkian sobre a parceria UE-África e que antecipam a cimeira agendada para 2014

POR [HELENA OLIVEIRA](#)

.. Antecipando a próxima Cimeira EU-África, que terá lugar em 2014, o Instituto Marquês de Valle Flôr (IMVF), o Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais (IEEI) e o Centro de Estudos Africanos do ISCTE-IUL uniram esforços e organizaram, em Dezembro último, a conferência intitulada "A Parceria África-Europa em Construção: que Futuro?".

No encontro em causa foram debatidos alguns dos dossiers que deverão estar em discussão no contexto da próxima cimeira entre os dois continentes, bem como na Agenda de Desenvolvimento pós-2015 das Nações Unidas, na qual os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio serão reavaliados. Assim, 22 oradores europeus e africanos privilegiaram, como enfoque, o impacto da crise económica e financeira na Europa e em África – que vivem momentos "contrários" de estagnação versus crescimento -, os desafios demográficos, igualmente "invertidos" em ambos os continentes, as questões da (in)segurança que assolam ainda várias regiões africanas e, por último, o financiamento ou o impacto em África do crescimento da procura internacional de matérias-primas, do aparecimento de novos parceiros, entre os quais se destaca a China e do regresso do investimento privado.

O VER entrevistou o Professor Fernando Jorge Cardoso, investigador do IEEI e do IMVF, e também um dos organizadores e oradores da conferência, sobre algumas das questões debatidas na mesma e sobre as principais oportunidades e dificuldades que esta parceria entre a União Europeia e África pode acarretar.

Tendo em conta a próxima Cimeira África-UE, a ter lugar em 2014, que principais temáticas são de debate obrigatório neste interregno?

Depende do ponto de vista. No caso da equipa de negociadores, formada por grupos designados pela União Europeia (EU) e pela União Africana (UA), as temáticas incidem no plano de acção (oito parcerias) estando em cima da mesa uma proposta de redução destas mesmas parcerias a 3 – segurança, desenvolvimento e questões da parceria. Como habitualmente, as discussões incidem no envelope financeiro a disponibilizar pela UE para a implementação, com os aspectos de estratégia a perderem no cenário da discussão de projectos a financiar. Na verdade, as temáticas a negociar deveriam, a meu ver, incidir nos problemas do diálogo político e das questões de interesse comum – pobreza, alterações climáticas, ameaças à segurança internacional, comércio e investimento (Dossier de Doha), evitando a concentração nas questões do como deve a Europa ajudar África, ou como deve África gerir os financiamentos europeus. A fragilidade da parceria está, a meu ver, nesta subordinação do diálogo político à lógica da ajuda ao desenvolvimento e na concentração dos dossiês em África, sem que a Europa (ou o resto do mundo) figurem. Ou seja, a parceria estratégica será coxa enquanto não for uma parceria de discussão e negociação de interesses e problemas dos dois lados e se mantiver na retórica da ajuda e suas condicionalidades.

Sendo África composta por países muito diferentes entre si, terão de ser várias as abordagens propostas por esta cimeira. Até que ponto existem visões e estratégias que tenham em atenção estas diferenças tão significativas?

Sendo uma parceria entre dois grupos, é difícil contemplar as diferenças dentro de cada um deles. Aliás nem deve recair, a meu ver, sobre a parceria uma expectativa, que será sempre gorada, de o tentar fazer.

Quais os principais impactos que a crise económica e financeira internacional que assola presentemente a Europa (e não só) está a ter nas relações com África?

As dinâmicas na Europa e em África são de sinal contrário. A Europa está a viver uma prolongada crise/recessão económica, que deverá continuar a fazer-se sentir no futuro próximo e a generalidade dos países africanos estão, desde há vários anos, a experimentar ritmos de crescimento económico fortemente positivos. Neste sentido, o impacto da crise internacional e do euro recai essencialmente na Europa, exercendo pressão sobre os níveis financeiros de ajuda ao desenvolvimento (que estão a baixar em termos bilaterais) e sobre a própria visão estratégica da cooperação que perde terreno nas preocupações dos governos europeus.

Com a Europa a desacelerar e África a apresentar ritmos de crescimento significativos, é possível que ambos os continentes se unam para retirar lições "mútuas" que possam beneficiar os seus futuros?

Desconfio da viabilidade prática do retirar de lições mútuas. Penso, no entanto, que os paradigmas

VER NO FACEBOOK NEWSLETTERS AJUDA



Opinião | Actualidade | Entrevistas | Dossiers | Livros

APRESENTE-NOS A SUA IDEIA DE NEGÓCIO

Like You, Filipa Sampaio Nunes and 1,799 others like this.

PARTILHA VER

Partilhar |

ARTIGOS DA NEWSLETTER

ENVELHECIMENTO ACTIVO
"A semente foi lançada"

UE-ÁFRICA

"É melhor viver uma crise de crescimento do que viver o crescimento da crise"

LIVRO

Europa e a Fénix renascida

TENDÊNCIAS GLOBAIS 2030

Bem-vindo ao mundo multipolar

OPINIÃO

Compromisso com a Inovação

OUTROS ARTIGOS DESTA CATEGORIA

GRANDE ENTREVISTA

Portugueses entre a revolução e o reformismo?

ANÁLISE

FMI ensaia mudança de pele em seis actos

BARÓMETRO ACEGE

Maioria tem resistido a reduções salariais

EUROPA

Que lições a retirar dos protestos?

DESENVOLVER PORTUGAL

Uma alternativa para trocar as voltas à crise

+ Artigos

NEWSLETTER

Receba os artigos, entrevistas e opiniões semanalmente publicados no portal VER

Email:

+ Lidos + Comentados + Recomendados

NEO-RURAIS

Um regresso com futuro

do relacionamento serão afectados num sentido mais realista, mais da discussão de interesses e menos da imposição disfarçada de condicionalismos políticos.



© IMVF

A demografia constitui, actualmente, um dos principais desafios tanto para os países desenvolvidos como para os que estão em desenvolvimento. Se por um lado a Europa se vê a braços com o envelhecimento da sua população, África, por seu turno, apresenta uma estrutura demográfica muito jovem. Que riscos e oportunidades podem surgir desta realidade?

Como se discutiu na conferência que organizámos em Dezembro na Gulbenkian, também neste caso vivemos realidades de sinal contrário. Na Europa, o envelhecimento da população exerce uma forte pressão sobre a população activa, que diminui em termos relativos e que tem que arcar com a responsabilidade financeira de prover às despesas do Estado e da segurança social. Este cenário vai impor um aumento da idade de reforma e, esperemos que exista visão de longo prazo (que tem faltado aos líderes europeus) para perceber da necessidade de estímulo ao crescimento da imigração para renovar a população. No caso africano, a percentagem da população jovem e activa vai continuar a crescer nas próximas décadas, criando outro tipo de problemas de sustentabilidade em termos de emprego, que vai obrigar ao estímulo de políticas públicas de planeamento familiar.

De acordo com um relatório da Economist Intelligence Unit, nos anos de 1990, cerca de 250 milhões e africanos viviam nas cidades, sem contar com os habitantes dos bairros de lata. Por volta do ano 2000, o número ascendia aos 270 milhões, o que representa um ritmo de urbanização de 4% ao ano. Quarenta e nove cidades africanas têm mais de um milhão de pessoas e cinco destas – Cairo, Khartoum, Lagos, Luanda e Joanesburgo albergam mais de sete milhões de habitantes. Com excepção de Luanda, todas as outras cidades são maiores do que Londres, o que cria uma riqueza de oportunidades, ao mesmo tempo que constitui uma enorme desvantagem para os governos locais. De que forma é que a parceria entre os dois continentes pode aproveitar as oportunidades e mitigar os riscos decorrentes desta realidade?

Não creio que a parceria possa servir para enfrentar este tipo de problemas. Eles têm a ver com políticas públicas da responsabilidade dos governos africanos, no sentido da sustentabilidade do crescimento populacional nas cidades e do correlativo aumento das condições para a criação de empresas e emprego nas zonas rurais. Em termos do longo prazo este será porventura o maior desafio político, económico e social que se coloca aos modelos e práticas de crescimento em África.

O desemprego jovem, uma realidade cada vez mais global, está a afectar também o destino de muitos africanos. Por outro lado, as estatísticas indicam que apenas cinco por cento dos jovens da África subsaariana frequentam as universidades. Como se afigura o futuro de África tendo em conta estas realidades e em que medida é que a Europa poderá ajudar neste tão difícil salto?

Entre os anos 70 e o início do presente século, as realidades africanas foram de decréscimo, insegurança, crescimento urbanos não sustentável e aumento da pobreza. Desde há dez anos que esta realidade se inverteu, estando os países africanos, incluindo os não exportadores de petróleo, a crescer com taxas acima das do crescimento populacional. Esta realidade, que é positiva, torna mais evidente os problemas associados ao crescimento, entre os quais o do desemprego jovem e o atraso educacional comparativo com o resto do mundo. A resolução do essencial destes problemas é de longo prazo e não depende das políticas europeias, embora a ajuda ao desenvolvimento ajude a minorar os seus efeitos negativos. Mas repito, as dinâmicas actuais são positivas, na medida em que é melhor viver uma crise de crescimento do que viver o crescimento da crise.

Uma outra preocupação está relacionada com as fracas competências técnicas das populações. As empresas que já estão a operar em África continuam a apontar a escassez de competências como um enorme desafio, apesar de a maioria dos governos estar a alocar cerca de 10% dos seus orçamentos para a educação. São várias as estimativas que apontam para que seja necessária mais uma geração de investimento público e privado para que a diferença seja notada. Em que medida esta aposta é colocada em causa pela crise internacional e, marcadamente, europeia?

Esta questão é uma realidade que se torna mais evidente em períodos de crescimento económico e de aumento do investimento directo. A percentagem afectada nos orçamentos para a educação é já muito alta, das mais elevadas do mundo, e julgo que não será sustentável aumentá-la. Estas necessidades de mão-de-obra qualificada terão que ser resolvidas recorrendo à importação de

COMPORTAMENTO

Alguns CEO são "psicopatas bem-sucedidos"

INOVAÇÃO

Fracasso é trampolim para sucesso

SUSTENTABILIDADE

O "esquema Ponzzi" do Estado Social europeu

COMPORTAMENTO

A força da vontade

COMPROMISSO
PAGAMENTO PONTUAL
Desafiamos a sua empresa a aderir
Mais informações

VER RECOMENDA



CULTURA SOLIDÁRIA
Projecto Os Nós e os Laços – Centro Nacional de Cultura



DO CONCERTO DO MUNDO [CONTOS]
Imprensa Nac. - Casa da Moeda e Coordenação Nac. do AECPEs



THE SIMPLE DOLLAR
Fazer o bem, sem gastar um vintém



AGÊNCIA ESPACIAL EUROPEIA
Mapa global da superfície da Terra



NATIONAL GEOGRAPHIC
Exposição 10 Anos da National Geographic Portugal

PARCEIROS VER



ACEGE
Associação Cristã de Empresários e Gestores

+ Parceiros

Correio da AESE
AESE "A Empresa e o Mundo"
ESCOLA DE DIRECÇÃO E NEGÓCIOS

ÚLTIMAS DO CLIPPING

09:00 JORNAL NEGÓCIOS/IN
Novas regras na contratação de menores

09:00 ECONOMICO.PT
Austeridade volta a atingir Função Pública em 2013

09:00 CORREIOALENTEJO.COM
Graça Nunes é a nova vice-presidente da Câmara de Grândola

09:00 FIBRA.PT
Sandra Rodrigues nomeada Business Manager da NOESIS

09:00 DIARIOLEIRIA.PT
Autarquia leiriense distingue melhores alunos do concelho com bolsas de mérito

+ Notícias

trabalho qualificado e a políticas inteligentes de transmissão de competências on-the-job. Neste campo, as realidades do crescimento africano criam a possibilidade de migrações de sentido contrário, isto é, de jovens europeus qualificados para África, o que cria um ambiente para estreitar o relacionamento a todos os níveis entre ambos os continentes. É, neste âmbito, uma realidade que convida ao estreitamento da cooperação.

De acordo com os resultados de um estudo elaborado pela consultora Ernst & Young, é revelado que as percepções negativas sobre África são, em primeiro lugar, relacionadas com os factores de risco político, citando a instabilidade do ambiente político, a corrupção e as fracas condições de segurança como os maiores obstáculos ao investimento. Em que medida a parceria com a Europa pode contribuir para atenuar estas percepções negativas?

Os investidores percebem, mais rapidamente que os analistas, quais os perigos e potencialidades reais. Estas percepções vão seguramente mudar, elas ainda espelham uma visão do contexto passado de não crescimento e de ausência de investimento. Com o regresso do investimento directo privado a África, o crescimento do financiamento ao desenvolvimento, o surgimento de novos actores e o aumento do mercado de consumidores africanos, estas percepções exercem cada vez mais menos pressão. Num outro patamar, muitos dos estudos destas organizações são baseados em percepções recolhidas junto a elites críticas dos aspectos mais negativos do crescimento do capitalismo em África, quer pelo enriquecimento de governantes que usam o poder e o orçamento para tal, quer pela sobreexploração do trabalho precário causada pela ganância de empresários de ocasião e pela fragilidade das leis e sua aplicação – por outras palavras, vivemos uma época de acumulação primitiva de capital, concentrada em pessoas que têm acesso ao poder, o que é tudo menos uma especificidade africana...

De forma variada, o debate sobre a agenda de desenvolvimento pós-2015 tem vindo a ser perturbado por visões significativamente distintas sobre o valor e o papel dos objectivos globais. Para alguns, a agenda pós-2015 deveria concentrar-se única e exclusivamente no desenvolvimento das prioridades que sejam transversais em termos de linhas globais, nacionais e regionais. Uma visão alternativa é a de que o enquadramento se deveria concentrar nos bens e desafios globais, de que são exemplo as alterações climáticas, as pandemias, entre outras questões. A seu ver, que temas são obrigatórios incluir nesta nova agenda de desenvolvimento?

Sou adepto da inclusão das questões que representam desafios globais e pelo abandono das visões que tendem a dividir o mundo em duas partes, uma mais e outra menos desenvolvida. Na verdade, e para dar um exemplo, a pobreza não é um fenómeno regional, mas sim sistémico, ela existe também nos países desenvolvidos. Tal não significa que o esforço essencial não deva ser feito nos países menos desenvolvidos, onde se encontra a maior percentagem da mesma – significa, isso sim, que deve ser abordada de uma forma mais global, na medida em que tratamos de uma agenda que é, pela sua natureza, também global.

 © 2013 - Todos os direitos reservados. Publicado em 3 de Janeiro de 2013

[RECOMENDAR](#)

[IMPRIMIR](#)

[PARTILHAR](#)

[ARTIGOS RELACIONADOS](#)

Partilhar |

- Europa e a Fénix renascida
- Que lições a retirar dos protestos?
- A actual situação demográfica na Europa
- A (des)igualdade de géneros
- Espécie humana menos violenta

[COMENTÁRIOS](#)

Envie o seu comentário

Nome (*)

E-mail (*)

Cidade/ Localidade

Comentário (*)



Desafiamos a sua empresa a aderir

[Mais informações](#)

QUESTIONÁRIO VER

CONCORDA COM UM CÓDIGO DE ÉTICA PARA OS ECONOMISTAS?

- Sim
- Não
- NS/NR

[Ver Resultados](#)

[ENVIAR](#)

ENVIAR

O Portal VER reserva-se o direito de publicar ou não os comentários recebidos seleccionando-os segundo os seus critérios de importância e coerência. Comentários considerados como ofensivos serão imediatamente retirados do website.

[Quem somos](#) | [Parceiros](#) | [Termos de utilização](#) | [Política de Privacidade](#) | [Ficha Técnica](#) | [Estatuto Editorial](#) | [Contactos](#)

MAPA DO SITE

VALORES	ÉTICA	RESPONSABILIDADE	LIDERANÇA	INOVAÇÃO
"A semente foi lançada"	Portugal ao espelho ético	Bem-vindo ao mundo multipolar	Os futuros líderes de África	Retrato de um potencial desperdiçado
Todos por todos	O contágio dos comportamentos não éticos	Casa de ferreiro, espeto de pau...	O Quociente Futuro	Captar talento global e "smart money"
O "bright side" da nova economia	O livro sem palavras a mais	Certinho ou irreverente?	"É possível melhorar a capacidade de liderança de qualquer pessoa"	"É vital proceder à protecção do que se inova"
Quem quer dominar a Internet?	Greves com motivações políticas "não são justas"	Mil milhões de mulheres na economia global	BUSYness times	Aprender a poupar para não sobreendividar
Portugueses entre a revolução e o reformismo?	Indigência moral	Reinventar os negócios com valores partilhados	O plano B	Permitir que os pobres possam sonhar
SER+	SUSTENTABILIDADE	ENTREVISTAS	OPINIÃO	ACTUALIDADE
O Papa e o teólogo em busca da Verdade	"É em 2015 que o mundo muda"	"O mundo está a caminho de uma crise ambiental muito grave"	Compromisso com a Inovação	"É melhor viver uma crise de crescimento do que viver o crescimento da crise"
Activistas digitais generosos	"O mundo está a caminho de uma crise ambiental muito grave"	"Portugal ainda não tem um roteiro para uma economia verde"	O chamamento e a missão	Europa e a Fénix renascida
"Afinal, o papão é um tigre de papel"	"Portugal ainda não tem um roteiro para uma economia verde"	"Acredito muito pouco na eficiência do determinismo legislativo"	Pósvisões para 2012	2012 no papel
"O paciente é o palco onde o espectáculo começa e acaba"	"Acredito muito pouco na eficiência do determinismo legislativo"	Retrato de um potencial desperdiçado	A crise como oportunidade para a sustentabilidade	Crescimento vai ter de abrandar
Greves com motivações políticas "não são justas"	"Os ODM não são utópicos"	"É possível melhorar a	É tempo de acção!	Menos impostos no OE 2013

Apoio



O registo e o uso deste portal implicam a aceitação dos [Termos de Utilização](#) do Portal VER (revisados em Novembro de 2007), bem como a sua [Política de Privacidade](#). Portal VER © 2010.

Todos os direitos reservados. Todo o conteúdo deste site não pode ser replicado, copiado, distribuído ou transmitido sem autorização escrita prévia.

Todos os conteúdos relativos aos parceiros deste site são da inteira responsabilidade dos mesmos.

Os artigos de opinião publicados no Portal são da inteira responsabilidade dos seus autores.